

EUA estudam redução da dívida

Uma alteração da lei bancária poderá facilitar o perdão parcial aos devedores

MOISÉS RABONOVICI

WASHINGTON — O Tesouro dos Estados Unidos está estudando uma forma de facilitar um perdão parcial aos países endividados. "A idéia é tornar a redução da dívida mais atraente para os bancos", disse um funcionário do governo. "Hoje, para cancelar uma dívida, os bancos são obrigados a declarar, imediatamente, uma perda. Isso acaba sendo uma forma indireta de impor ao contribuinte americano o ônus dos bancos e da dívida externa dos países em desenvolvimento.

Segundo esse funcionário, uma mudança da legislação bancária deverá ser proposta, até o dia 23 de fevereiro, para fa-

cilitar um novo tratamento da dívida. Outro estudo em andamento, acrescentou, trata da capitalização dos juros, uma solução até agora rejeitada pelos bancos americanos — por causa de problemas fiscais e contábeis — mas não pelos europeus e pelos canadenses.

O presidente eleito George Bush admitiu esta semana, pela primeira vez, uma revisão do Plano Baker, proposto há três anos pelo então secretário do Tesouro James Baker III, futuro secretário de Estado. A revisão do plano — até agora um fracasso, pois previa empréstimos ainda não realizados — foi anunciada por Bush depois de ter o Banco Mundial apontado em seu balanço anual uma transferência de US\$ 43 bilhões dos devedores para o mundo rico.

Bush, no entanto, definiu-se contra o simples perdão ou a recompra dos débitos a preço de mercado. Baker classifica o perdão como miragem.

NOVOS EMPRÉSTIMOS

A mudança de legislação em outubro por uma equipe do Departamento do Tesouro, descrita como parte de um mecanismo para expansão do Plano Baker, não só daria maior flexibilidade ao tratamento da dívida, atualmente calculada em US\$ 1,3 trilhão, mas também abriria espaço para novos empréstimos.

A equipe encarregada dos estudos é liderada por David Mulford, futuro subsecretário do Tesouro. Ele desenhou o acordo interino que manteve o governo brasileiro e seus credores em torno da mesa de negociação em dezembro do ano passado.

SIMPATIA

"Um novo governo", disse uma fonte do Executivo, "pode fazer uma revisão do problema da dívida sem a inflexibilidade que se adquire depois de dois ou três anos. Pode começar de um ponto de vista novo, sem preconceitos".

Essa mesma fonte manifesta simpatia pelas idéias do presidente do First Boston. Pedro-Pablo Kuczynski, que tem sugerido para a dívida dos países em desenvolvimento o mesmo tratamento dispensado à Chrysler, há alguns anos, quando essa indústria estava em crise e Lee Iacocca assumiu sua direção.

SALDO

"Os bancos concordaram em receber um serviço menor da dívida durante algum tempo e ganharam uma opção nas ações da Chrysler", diz a fonte. "O que precisamos ter, no caso da América Latina, é uma fórmula como essa, e um Lee Iacocca dirigindo suas economias de maneira correta".

Segundo esse informante, o perdão parcial da dívida deve criar condições para os devedores pagarem mais facilmente o saldo, talvez com uma taxa de juros fixa, em torno de 4%, ao ano.